



A RELAÇÃO EU-OUTRO NA EDUCAÇÃO: ABERTURA À ALTERIDADE

Wanderleia Dalla Costa – UNIPLAC
Carmen Lucia Fornari Diez - UNIPLAC

Resumo: O presente trabalho traz à reflexão um olhar diferenciado para o foco nas relações Eu – Outro, no intuito de retomar o sentido do humano. Trata-se de tecer algumas reflexões acerca da educação e da relação de alteridade. O outro é um dos grandes temas a serem pensados na educação. Para uma leitura fora dos quadros ontológicos e idealistas o filósofo Emmanuel Levinas defende uma subjetividade constituída na idéia de infinito, isto é abertura ao outro e traz à tona a questão do esquecimento do outro por conta da subjetividade solipsista difundida na modernidade. Pensar o outro como alteridade absoluta e não como o conceito, efeito do meu próprio pensamento. No face a face a relação do Mesmo com o Outro encontra-se na responsabilidade incondicional a ser assumida pelo eu perante o outro porque no rosto do outro se insere o apelo à responsabilidade. Nesse sentido o pensamento levinasiano abre caminhos para pensar a educação e o papel do professor mediador na perspectiva de Feuerstein.

Palavras chaves: Educação – Alteridade – Eu-Outro – Professor mediador

Na crise da subjetividade moderna o que emerge é a centralidade do sujeito autônomo e racional que, através de sua postura, pensa e define as relações a partir de princípios que se pretendem universais garantindo a assimilação do outro através da formação de um sujeito livre, independente e senhor de si. Com Descartes e Kant o sujeito moderno se edificou sobre as bases de uma vontade racional instituindo o eu como a possibilidade integradora do sentido e definidora dos rumos da formação humana. Nesse sentido Lévinas (1906-1995) identifica que a filosofia do mesmo é a concretização da categoria da Totalidade que marca o pensamento ocidental.

A filosofia ocidental durante muito tempo colocou-se como horizonte e baseou-se num sujeito único reforçando a visão antropocêntrica de ver o mundo, as pessoas, a educação, a sociedade e as relações, anulando assim as diferenças e mais especificamente numa visão historicamente masculinizada onde o múltiplo era submetido ao único. Situados no campo educacional percebe-se que essa visão foi se fortalecendo na dedução do outro a partir do eu através dos paradigmas que visavam a autonomia do ser humano. No entanto, Lévinas rompe com essa subjetividade solipsista e vai fazendo filosofia a partir do cotidiano e não a partir de um eu que restringe a alteridade à esfera da identidade.

Lévinas surge nessa perspectiva de retomada da dimensão da diferença, do outro, segundo Susin

Na proximidade do outro, a suposta soberania do sujeito é questionada. A significação que nasce da proximidade não é a mesma relação entre termos que se encontram mediados por uma linguagem comum. Tal significação é um abalo da consciência tematizante e uma subversão da temporalidade ontológica (SUSIN, 2003, p. 90).

Nessa abordagem, pergunta-se quem é outro? Na visão de totalidade o outro pode ser reflexo da idéia de um modelo de ser humano ideal e de obliteração da possibilidade de outra subjetividade. Pensar o outro na sua diferença é um modo de não objetivá-lo acolhendo-o na sua realidade sem representações e aberto ao ensinamento, a aprendizagem. Não se trata aqui de fazer prescrições quanto à abordagem, mas antes, suscitar aspectos que, parecem ser importantes para compreender, na educação a questão da alteridade.

O ser humano em sua dimensão educativa, ao longo da história, está sempre buscando aperfeiçoamento das relações como substância essencial para sua formação, assim lembra Kant ao referir-se a ideia de formação de educação em sua obra a Pedagogia:

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração de posse dos conhecimentos das gerações precedentes está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino (KANT, 1999, p. 19).

A conquista da consciência humana esclarecida resultante de um processo gradativo de autoconsciência pelo caminho da educação vem impregnada de uma racionalidade que se encontra em conflito devido às muitas inquietações e interrogações advindas de uma crise generalizada. Essa inquietude do ser humano decorre das instigantes perguntas que geram novas questões cada vez mais desestabilizadoras. Processos educativos que acontecem não mais numa cronologia linear, mas na provisoriedade, conflitividade e pluralidade de movimentos são cada vez mais possibilidades que se abrem e necessitam um conjunto articulado de análises para efetivar o que se chama de formação, de educação e abertura à alteridade. O mundo moderno das certezas tem sido substituído por uma cultura de inseguranças e indeterminação que desestabilizam os parâmetros de análise.

Estas inovações interferem na vida das pessoas na forma de aprender e de atuar no mundo. Há componentes tecnológicos que além de serem pautados para o valor econômico incidem sobre os pensamentos e os afetos, crescendo o senso de impotência do ser humano diante das conquistas tecnológicas com conseqüências imprevisíveis, ocupando espaços e funções até então exclusivos dos seres humanos, desenvolvendo funções talvez mais relevantes que estes.

Considerando-se livre, o ser humano tem por vezes sua liberdade condicionada aos ditames de uma racionalidade instrumental submetendo-se ao controle da máquina que regula seu tempo, sendo absorvido pelo mundo do sistema o tempo todo e num excessivo acúmulo de tarefas. Ao lado das conquistas pelo progresso também emerge a submissão do ser a essa razão capaz de conhecer e transformar, no entanto desconhecendo seus limites.

Compreender o instrumento não consiste em vê-lo, mas em saber manejá-lo; compreender nossa situação no real não é defini-la, mas encontrar-se numa disposição afetiva, compreender o ser é existir. Tudo isso está a indicar uma ruptura com a estrutura teórica do pensamento ocidental (LEVINAS, 1991, p. 23).

Busca-se nesse intuito compreender as articulações entre a crise dos sujeitos modernos com as questões essenciais que a educação precisa dar conta a fim de proporcionar espaços onde se efetive a abertura ao ser humano pelo reconhecimento de sua subjetividade, no sentido do acolhimento do outro, como abertura ao infinito. E de pensar o papel do professor mediador que se coloca como articulador do processo educativo, no sentido de ampliar a capacidade do ser humano em seu desenvolvimento cognitivo e afetivo tornando-o propenso a modificabilidade.

Será possível pensar hoje a superação da razão da inteligibilidade da consciência totalizante e individualista para o reconhecimento da alteridade na interação dos sujeitos envolvidos, ressignificando o sentido do humano, do outro? Diante de um sistema que privilegia o mercado e de uma relação onde o eu domina o outro, vestígio da tradição ocidental, qual a face humana da educação? Será que o professor, como mediador, faz o movimento em favor da alteridade no processo educativo? Estas questões trazem implicações para o modo como é compreendido o conhecimento, bem como implicações de cunho teórico-prático no campo educacional.

Em Feuerstein (1921) o professor mediador se coloca como cooperador e estimulador do processo de aprendizagem e não como provedor de um produto do conhecimento. Nosso intento é refletir sobre como o professor mediador se deixe interpelar pela relação de alteridade levinasiana e de que modo sua relação se estabelece como responsabilidade para com a alteridade.

Como conceber o processo ensino aprendizagem a partir do ensinamento que vem do outro? É um caminho que se descortina ao longe, pois nossa educação carrega as marcas de um antropocentrismo que anula o outro para se constituir. Crítico da categoria da totalidade Lévinas traz a ideia do infinito para pensar a alteridade e nesse conjunto apresenta, “a subjetividade como acolhendo Outrem, como hospitalidade. Nela se consuma a ideia do infinito” (LEVINAS, 1980, p. 14). Nesse sentido o infinito é reconhecido como uma relação ética com o inteiramente outro, respeitado como um infinito ético. Paradigma que é capaz de romper com a totalidade e pensar uma subjetividade capaz de acolher a idéia do infinito, conceito que buscará em Descartes e o definirá como uma ruptura, um desequilíbrio, isto é, o que expande à totalidade (cf. LEVINAS, 1980, p. 272). É aquilo que é externo ao pensamento, é Outrem.

No horizonte educacional a alteridade categoria trabalhada por Lévinas pode contribuir para repensar a educação como resgate de uma outra perspectiva pedagógica, vinda do outro que busca recriar os conceitos e as próprias relações humanas. Importante para Lévinas é a constituição da subjetividade no encontro com o outro, na abertura e desprendimento de si.

No percurso que Lévinas delineia a responsabilidade é o que dá sentido e caracteriza a abertura diante do outro, sem máscaras, sem a negação do outro como Outro, como abertura ética e como respeito à sua dignidade, assim lembra o autor:

[...] a relação intersubjetiva é uma relação não-simétrica. Neste sentido, sou responsável por outrem se esperar a recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida. A recíproca é assunto dele (sic). Precisamente na medida em que entre outrem e eu a relação não é recíproca é que eu sou sujeição a outrem; e sou ‘sujeito’ essencialmente nesse sentido. Sou eu que suporto tudo. Conhece a frase de Dostoiévski: “somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais que todos os outros”. Não devido a esta ou aquela culpabilidade efetivamente minha, por casa de faltas que tivesse cometido; mas porque sou responsável de uma responsabilidade total, que responde por todos os outros e por tudo o que é dos outros, mesmo pela sua responsabilidade. O eu tem sempre uma responsabilidade a mais (sic) do que todos os outros (LEVINAS, 1982, p. 90).

A relação com o outro que me interpela, me afeta em muitas dimensões e me desafia é uma relação de responsabilidade e a resposta a esta interpelação é a liberdade que se realiza com justiça. Nesse sentido a alteridade é uma abertura que desafia o sujeito a responder em cada nova situação às solicitações concretas do outro.

Outra categoria importante que Lévinas traz para o movimento de abertura e transcendência do eu em direção ao outro é o que ele chama de desejo¹ e para o autor o desejo é metafísico, isto é, nada o poderá satisfazer. Desejo não confundido com necessidade porque se abre ao infinitamente outro. Lévinas destaca essa diferença

O outro metafisicamente desejado não é o ‘outro’ como o pão que como, como o país em que habito, como a paisagem que contemplo, como por vezes, eu para mim próprio, este ‘eu’, esse ‘outro’. Dessas realidades, posso ‘alimentar-me’ e, em grande medida, satisfazer-me, como se elas simplesmente me tivessem faltado. Por isso mesmo, a sua *alteridade* incorpora-se na minha identidade de pensante ou de possuidor. O desejo metafísico tende para uma *coisa inteiramente diversa*, para o *absolutamente outro* (LEVINAS, 1980, p. 21).

O desejo não visando a satisfação é um desejo sem fim, que vai além do ser e que não fica na esfera da posse. Assim para acolher o outro em sua radical alteridade não será possível defini-lo, pois isso excluiria a possibilidade de reconhecê-lo em sua diferença. É preciso a acolhida do outro que possibilita a abertura para alteridade. A subjetividade levinasiana se constitui como ética a partir do momento em que potencializa um respeitoso acolhimento da diversidade do outro e este provoca a responsabilidade reconhecendo um desejo.

Vive-se uma cultura que acentua o individualismo como uma busca essencial, natural e que por vezes regula as relações sociais onde o *eu posso*, o *eu tenho* passa a definir as regras de convivência social, política e econômica dentre outras. Há grande busca pela felicidade e nessa perspectiva, a felicidade individual desvinculada da ética. No ímpeto dessa busca percebe-se que, no desenvolvimento da razão ocidental, houve o encobrimento do outro recusando sua alteridade e vendo-a como ameaça. Fortaleceu-se um sujeito solipsista que tudo

¹ O Desejo é desejo do absolutamente Outro. Para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apazigua, a metafísica deseja o Outro para além das satisfações, [...] Desejo sem satisfação que, precisamente, *entende* o afastamento, a alteridade e a exterioridade do Outro. Para o desejo a alteridade, inadequada à ideia, tem um sentido (LEVINAS, 1980, p. 22).

determina, organiza, legitima. Investe na felicidade individual x consumo, desse modo passa-se a consumir conhecimento, as relações reduzem-se a meras formalidades, o outro passa a ser mero instrumento para alcançar a tal felicidade, isso tudo em nome do progresso idealizado pelo homem moderno.

A modernidade que é antropocêntrica acentuou essa subjetividade, priorizando o “eu”, destacando a interioridade em detrimento da exterioridade. Assim o projeto da racionalidade moderna técnico-científica não se deparou com a sua posição em uma exterioridade, mas encontrou a oposição dentro de si mesmo.

Em Lévinas encontra-se a crítica que ele faz ao eu fechado em si mesmo e torna-se claro seu compromisso com a ética da alteridade, assim lembra Costa (2008)

A 'ontologia do eu' reduz o outro a mesmice, a um ente. Somente o desejo pode transcender o eu solipsista e permitir que o outro se manifeste em sua plena cidadania [...] nesta desconstrução da 'ontologia do eu', Levinas tematiza a subjetividade e alteridade como efetivação da práxis social [...] o outro está para além das totalidades ontológicas e se manifesta como desejo do infinito para buscar a relação pessoa-pessoa (COSTA, 2008, p. 200).

A alteridade no pensamento de Lévinas é abertura para se repensar a educação, a formação humana, o conhecimento, as nossas relações. A contribuição deste autor para a educação, a nosso ver, incide na ressignificação de uma abordagem embasada no ensinamento vindo do outro, pois seu esforço teórico abre-se em traçar caminhos que tentam reconstruir um horizonte alternativo para os problemas da subjetividade solipsista.

Tematizar a educação na perspectiva de Lévinas é um modo de poder resgatar e garantir a humanização do ser humano respeitando-o na sua diferença. O outro é deduzido muitas vezes a partir do eu, visto como ameaça, negação, que questiona e confronta ao poderio do eu, nesse sentido é que emerge a grande virada para a capacidade do ser humano se fazer e refazer nesse movimento. Uma educação que não trabalha o ato de pensar, também a partir do outro, relega-se a boa sorte do que encontra como constituído nas subjetividades totalizadoras dos processos educacionais e na perda do sentido do humano reduzindo a possibilidade da alteridade.

Destarte, o professor mediador que não levar em conta a alteridade acaba subsumindo o outro a si mesmo. Nessa perspectiva apresenta-se o desafio de em cada encontro colocar-se

aberto à alteridade pela interpelação que vem do outro, pois esta rompe um pouco ou completamente o plano que apreende a relação. Segundo o autor a mediação

[...] é uma experiência intrapessoal, produzida por relações interpessoais. É uma experiência, não uma confrontação de conhecimentos, por transmissão [...] O que medeia o indivíduo é o fato de que ele, enquanto sujeito, interage com o outro que é sujeito também. Há uma reciprocidade entre os dois sujeitos, um encontro (FEUERSTEIN (1996) apud Zanatta Da Ros 2002, p. 20).

A mediação entendida nesse processo de experiência que envolve interação leva à construção de conhecimentos e de novas relações não pode prescindir do diálogo como elemento aglutinador onde a relação sujeito-sujeito emerge como possibilidade para acolher o apelo que vem do outro. O assumir de uma postura mediadora realça o declínio da sala de aula centrada na pedagogia da transmissão.

Pensar a educação através da abertura ao encontro numa relação assimétrica com o mundo inesperado do outro é estar disposto a lançar-se em desconhecidos horizontes, expondo-se ao infinitamente outro com os riscos que o encontro traz e provoca. Estar diante do outro desprovido de qualquer representação exige um renunciar a qualquer tentativa de avaliação, aprisionamento pelo eu. O encontro vem a ser a manifestação da subjetividade na relação intersubjetiva, sem a intenção de colocar qualquer conceito ao que se apresenta diante de mim. Esse é um apelo para o eu ser ético respeitando o diferente que se revela e deixando-se interpelar. “A minha responsabilidade não cessa, ninguém pode substituir-me (...) a responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que, humanamente não posso recusar” (LEVINAS, 1982, p. 92-93).

No face a face o ‘eu’ é desafiado ao encontro com o outro, esse que é desconhecido e que me interpela para que o eu possa sair da postura de totalidade, saída da interioridade para o infinitamente outro. “A ideia de infinito não parte, pois de Mim, nem de uma necessidade do Eu que avalie exatamente os seus vazios. Nela, o movimento parte do pensado e não do pensador. É o único conhecimento que apresenta esta inversão” (LEVINAS, 1982, p. 49). Na experiência educativa o não expor-se a esse desconhecido outro é sentir-se incapaz de mudança, de interstício para constituir-se na relação “[...] o encontro do que se sabe responsável pelo outro, obrigado a dar-lhe uma resposta na situação a radical alteridade” (ORTEGA, 2007, p. 04), assim remete a pensar que tudo o que é o ‘outro’ não é ‘eu’.

Busca-se compreender a proposta de Lévinas que poderá ajudar a superar os entraves da subjetividade moderna trazendo à tona a relação de subjetividade como responsabilidade pelo outro no caminho de crescimento da humanização pelo reconhecimento da diferença no processo ensino aprendizagem. Encontra-se nele a ideia de infinito e a questão da alteridade

O rosto de Outrem destrói em cada instante e ultrapassa a imagem plástica que ele me deixa, a idéia à minha medida e à medida do seu *ideatum* — a ideia adequada. [...] Abordar Outrem no discurso é acolher a sua expressão onde ele ultrapassa e cada instante a idéia que dele tiraria um pensamento. É, pois, receber de Outrem para além da capacidade do Eu; o que significa exatamente: ter a idéia do infinito. Mas isso significa também ser ensinado. A relação com Outrem ou o discurso é uma relação não alérgica, uma relação ética, mas o discurso acolhido é um ensinamento. O ensinamento não se reduz, porém, à maiêutica. Vem do exterior e traz-me mais do que eu contendo. Na sua transitividade não-violenta, produz-se a própria epifania do rosto (LEVINAS, 1980, p. 37-38).

A relação para alcançar a alteridade é dada pela exterioridade sendo uma preocupação não para comigo, mas para com o Outro. Nesse sentido o foco da ética é o movimento de acolhida do outro e não de posse ou domínio. Não se trata de negar a racionalidade, mas a possibilidade de uma nova forma de abordagem da mesma.

Diante do rosto do outro é que o eu toma consciência da demanda que ele traz e desse modo vai se formando o sujeito ético. O sujeito ético em Lévinas é o eu que responde à interpelação do outro, como responsabilidade — “A responsabilidade está inscrita no cerne da subjetividade, que ela constitui, por assim dizer, o núcleo mais profundo da própria identidade” (PIVATTO, 2009, p. 93). Desse modo, é resposta que eu dou à interpelação do outro pelo desejo suscitado.

Conceber a educação como responsabilidade demanda sinalização do horizonte no qual estamos inseridos, para estarmos cientes de que perspectivas respondemos ao rosto do outro, que tem voz e nome, que nos interpela, nos inquieta, cuja responsabilidade está no alicerce da experiência educativa. Pivatto retoma essa responsabilidade como estrutura do humano e assinala “A responsabilidade pelo outro que expõe ao acusativo (passividade), torna-se a estrutura do homem, para além e mais profundamente que a individuação do eu em mim” (PIVATTO, 2009 p. 94). O que nos torna responsáveis pelos outros é essa interpelação ética vinda do rosto que desestabiliza a consciência pela surpresa do encontro.

A abordagem a partir da ética da alteridade, essência que cada outro tem a partir dele mesmo e não a partir do que o eu pensa dele, em Lévinas nos possibilita problematizar a objetificação que se faz do outro e suas implicações para o campo da educação. Buscando refletir sobre as articulações e os caminhos possíveis para que na educação se supere o pensamento técnico instrumental e se abra caminhos para o descentramento do eu, exposição e manifestação do outro que vem ao encontro na experiência educativa, isto é, o desreferenciar-se. Nesse sentido o face a face é o que está no fundamento da experiência educativa e que possibilita sempre a quebra dos conceitos de um sujeito teórico-especulativo.

A educação como alteridade ética implica na experiência educativa como resistência a totalitarismos e aniquilamento do outro. Ao ultrapassar a visão objetificadora o eu assume uma atitude de abertura, de escuta à palavra que vem do outro, pois é o outro que me permite pensar a educação como novidade, encontro, respeito à alteridade, abertura e aprendizagem. Por sua vez, o professor mediador precisa colocar-se no processo de aprendizagem como ponte-passagem e não como barreira. Nesse movimento da experiência de aprendizagem mediada a ação relacional conduz à transcendência, quando vem precedida da responsabilidade pelo outro enquanto outro, instaurando um agir ético como alteridade. Este não é outro acontecimento senão o encontro que faz cada pessoa ser mais humana e que vai se constituindo à medida que se abre ao infinito do outro.

Assumir a alteridade, abordada por Lévinas, é ver que o ser humano não é posse de si mesmo, mas abertura à responsabilidade pela alteridade do outro. Essa abertura ao outro que interpela, o modo como este se apresenta ultrapassa e rompe com a ideia que faço dele. Desse modo, faz-se necessário encontrar espaço para emergir o intersubjetivo que possibilite a convivência humana em abertura à alteridade. Assim na relação temos a precedência na o mais do eu, mas do outro em sua alteridade.

A alteridade em Lévinas para o campo da educação, implica na postura de um professor mediador aberto, pois sua relação com o educando requer a presença imediata da alteridade que ocasiona e desperta a emergência do outro na relação. Parte-se da acolhida do outro que ultrapassa a imagem que dele faço pelos conceitos e representações. O face a face provoca o movimento, a tensão afetiva onde o eu fica destituído de toda centralidade.

Estabelece-se desse modo, o movimento de deslocamento para o encontro com o outro no face a face, instância da ética considerada como ato primeiro na manifestação que vem do outro. Assim se manifesta Santos “O encontro face a face, com ele é o ensino por excelência. Por isso, não há como separar ensino e alteridade, porque a separação deles conduz ‘a

incomensurabilidade e, em última instância, à indiferença' (SANTOS, 2005, p. 31). Emerge a partir disso o desafio de repensar os processos pedagógicos e contribuir reflexivamente com uma outra forma de abordar a educação - a alteridade.

Como professor mediador é preciso deixar-se suscitar e provocar pelo ensinamento que o outro traz, pois os implicados na experiência educativa são interpelados a um movimento de saída de si para o outro. Importa perceber as situações que encobrem a alteridade na educação, extrapolando os conceitos encobridores de sentido. Nesse movimento para a alteridade encontra-se a oportunidade de transformação, pois há sempre uma novidade que rompe os planos como ruptura de retorno ao mesmo. Por fim, o pensamento levinasiano, é um convite que ressoa, se quisermos ouvi-lo.

Verifica-se, assim, que a dificuldade maior encontra-se naquilo que se concebe e se aceita como modelo de construção do conhecimento e de relações. Embora há uma nova etapa de desenvolvimento científico, intelectual, político, social e educacional continua-se oferecendo uma educação centrada no eu, fragmentada e descontextualizada que pouco impacta no processo educativo. Diante disso, os envolvidos, alunos, pais e professores/mediadores no espaço educativo, necessitam abrirem-se às interpelações do face a face, pois a ação educativa não é um trabalho solitário, mas envolve a todos. Segundo Dalla Rosa “o educador e o educando são rostos que se encontram para uma relação educativa” (DALLA ROSA, 2010, p. 283).

Apesar das inúmeras mudanças e em constante movimento, possibilidades tecnológicas que despontam e inovações em diversos campos de atuação, o ser humano tem encontrado dificuldade para a relação humana do face a face. No âmbito educativo a questão norteadora é saber como se dá essa relação com o outro no processo ensino aprendizagem sem que este seja produto do pensamento do eu do professor. Na perspectiva de Levinas [...] “o ensino não é uma espécie de gênero chamado dominação, uma hegemonia que se joga no seio de uma totalidade, mas a presença do infinito que faz saltar o círculo fechado da totalidade” (LEVINAS, 1980, p. 146). Uma educação do face a face implica na responsabilidade ética do professor onde seus conhecimentos são questionados e ganham sentido quando este se encontra diante de um outro concreto que por sua alteridade o interpela.

Ressaltamos que esta reflexão ora iniciada permanece como uma senda aberta a ser trilhada por educadores ávidos em fazer da sua prática um caminho possível de formação humana. Caminho que se abre no face a face cotidiano para um outro pensar e sentido humano educativo, nos dando conta da infinita presença do outro que amplia a mediação

educativa, responsável pelo ensinamento capaz de despertar e avivar a sensibilidade dormente nos sujeitos da educação. Conforme nos indica Lévinas “[...] o rosto é o que não se pode transformar num conteúdo, que nosso pensamento abarcaria; é o incontível, leva-nos além” (LEVINAS, 2007, p. 70). Este percurso exigirá abertura às possibilidades de acolher o rosto do outro que ensina a partir do mediador que faz alguém crescer e se faz responsável por ele.

BIBLIOGRAFIA

DALLA ROSA, Luís Carlos. *Educar para a sabedoria do amor: A epifania do rosto do outro como uma pedagogia do êxodo*. Tese (Doutorado em Teologia) Faculdades EST. São Leopoldo, 2010.

DA ROS, Silvia Zanata. *Pedagogia e mediação em Reuven Feuerstein: o processo de mudança em adultos com histórias de deficiência*. São Paulo: Plexus, 2002.

COSTA, José André da. *Crítica ao modelo moderno de subjetividade: a proposta de subjetividade no pensamento de Levinas*. in: CARBONARI, P. (Org.). *Ética, Educação e Direitos Humanos: Estudos em Emmanuel Levinas*. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. [Tradução de José Pinto Ribeiro]. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. *Humanismo do outro homem*. [Tradução de Pergentino S. Pivato Coord.] Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Entre nós — Ensaio sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. Tradução Francisco Cock Fontanella. 2ª ed, Piracicaba: Unimep, 1999.

ORTEGA, Ruiz Pedro. *La Educación Moral como Pedagogia de La Alteridad*. *Revista Española de Pedagogía*, Año LXII, No. 227, enero-abril 2004. Disponível em: [http://www.ateiaamerica.com/doc/edumoral22pdf\(2007\)](http://www.ateiaamerica.com/doc/edumoral22pdf(2007)).

PIVATTO, Pergentino. *Ética da alteridade*. In: Oliveira, Manfredo A. de.(Org) *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANTOS. Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 5ª ed. São Paulo, 2005.

SUSIN, Luis Carlos. [et al.]. (Orgs.). *Éticas em diálogo: Levinas e o pensamento contemporâneo: Questões e Interfaces*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.